

Bancos americanos protegem-se

por Walkyria Portes
de São Paulo

Desde que o Citibank anunciou, no final de maio último, a decisão de elevar em US\$ 3 bilhões suas reservas para se precaver em relação a créditos de difícil recebimento — medida que, conforme a previsão do banco, resultaria em perdas líquidas de US\$ 2,5 bilhões no segundo trimestre — pelo menos 23 bancos americanos e dois britânicos, além de dois canadenses, tomaram decisão idêntica. Entre os grandes bancos americanos, apenas o J. P. Morgan e o Wells Fargo ainda não se manifestaram.

Somadas, as perdas líquidas estimadas pelos bancos americanos que já anunciaram elevação de reservas superam US\$ 11 bilhões, no segundo trimes-

tre. A moratória brasileira — declarada em fevereiro passado e ampliada depois, incluindo débitos a governos, no âmbito do Clube de Paris, no mês passado — precipitou a decisão dos bancos, às voltas com problemas em relação a diversos devedores.

O principal executivo do Chase Manhattan — que fez um reforço de US\$ 1,6 bilhão e previu perdas de US\$ 1,4 bilhão no segundo trimestre — Willard C. Butcher, afirmou claramente que “a moratória brasileira foi uma das razões que nos levaram a concluir que devemos ser prudentes”. Na ocasião do anúncio do aumento das reservas, disse que não via razões pelas quais o banco teria de assumir perdas no Brasil, mas procurou indicar que o Chase desejava estar pre-

parado para essa possibilidade e aumentou suas reservas para reforçar seu caxife na mesa de negociações.

“VERMELHO”

A situação parece não estar tão confortável para o Bank of America, que elevou reservas em US\$ 1,1 bilhão, prevendo com isso perda líquida de US\$ 1 bilhão no segundo trimestre. Para esse banco, que vem registrando prejuízos nos últimos dois anos, essa decisão implica permanecer mais um ano no vermelho. O Bank of America e o Manufacturers Hanover — este previu perda líquida de US\$ 1,4 bilhão — têm carteiras de empréstimos problemáticas, que incluem também setores em crise nos EUA.

Os executivos dos grandes bancos têm insistido que a elevação de reservas não implica que os créditos tenham sido considerados

em liquidação e que continuem empenhados no atual sistema de reestruturação de dívidas. Eles têm afirmado também que continuarão emprestando para países endividados que persigam políticas econômicas austeras. Nesse sentido, o que se chama de “retorno à ortodoxia” da política econômica brasileira foi amplamente apoiado pela imprensa especializada européia.

Analistas estrangeiros citados pela agência AP/Dow Jones, contudo, consideram improvável que os bancos concedam dinheiro novo, a menos que tenham “absoluta certeza de que o receberão de volta”, como disse o professor de economia F. Gerard Adams, da Universidade da Pennsylvania. E ele acredita que poucos devedores latino-americanos — “como México, Venezuela” — estejam nessa categoria.